



**A NATUREZA SATÍRICA EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS COMO
INSTRUMENTO EXPRESSIVO DE CRÍTICA: A INSTABILIDADE NAS
INSTITUIÇÕES VIGENTES**

**THE SATIRICAL NATURE IN POSTHUMOUS MEMORIES OF BRÁS CUBAS AS
AN EXPRESSIVE CRITICAL INSTRUMENT: INSTABILITY IN CURRENT
INSTITUTIONS**

Tatyana Alves Conceição¹

Recebido em: 22/11/2022

Aceito em: 05/12/2022

DOI: 10.26512/aguaviva.v7i3

RESUMO: O presente texto faz parte de uma análise entre a natureza satírica na obra de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e o elemento crítico social. Assim também como visa investigar a relação estabelecida pela sátira entre o instrumento crítico e a quebra dos padrões sociais estabelecidos na sociedade da época. Dessa forma, a sátira figura como um recurso utilizado pelo autor para quebrar, por meio do riso cáustico, as instituições sociais vigentes de época. A sátira opera como um ensaio para a liberdade, momento em que se zomba das normas rompendo com estatuto social forjado nos vícios.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza satírica; Obra machadiana; Riso cáustico; Sátira.

ABSTRACT: The present text is part of an analysis between the satirical nature in the work of Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, and the social critical element. It also seeks to investigate the relationship established by satire between the critical instrument and the breaking of social standards established in society at the time. In this way, satire figures as a resource used by the author to break, through caustic laughter, the prevailing social institutions of the time. vices.

KEYWORDS: Satirical nature; Machado's work; Caustic laughter; Satire.

¹ Mestranda em literatura pelo grupo de pesquisa Literatura e Corpo do Pós-Lit/ UnB - Universidade de Brasília.
E-mail: tatyana.alvesconceio@gmail.com.



INTRODUÇÃO

A obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* apresenta um narrador que se autodenomina defunto-autor, não seguindo uma linearidade, já que Brás Cubas enquanto autor e narrador de suas próprias memórias tem a liberdade de narrá-las como desejar e achar conveniente. Esse fato deixa o relato ainda mais peculiar, porque traz para a narrativa variações nos relatos que alternam entre o cômico e trágico.

“Castigat ridendo mores”. A premissa que traz essa frase, a qual se norteia o pensamento de que corrigimos os costumes ridicularizando-os, lança foco sobre uma reflexão crucial da capacidade subversiva da sátira como antídoto ao adoecimento que conduz e priva o homem de seu ponto de vista essencial sobre a vida, o de observar e não somente sofrer as ações do tempo como meros objetos passivos, sem perder a autonomia. Desse modo, o cômico como jogo do intelecto pode figurar como importante ferramenta de subversão.

A sátira opera como um ensaio para a liberdade, momento em que se zomba das normas rompendo com estatuto social forjado nos vícios e falhas. O poder satírico consegue, momentaneamente, transpor a inquietudes geradas pelas injustiças e afastar os temores provocados pela ordem opressora instaurada. Esse poder satírico que brota dos textos machadianos, em especial no texto *Memórias póstumas de Brás Cubas*, consegue captar essa relação contraditória, de uma sociedade que procura demonstrar o alcance do progresso burguês, mas que ainda guarda fortes ligações com a opressão colonial.

Esse modelo que cresce sob as sombras do atraso tomando como verdadeiros valores e vícios forjados na injustiça, revela frequentemente aspectos do atraso moral, social e político da época oitocentista, de um Brasil que se tornava cada vez mais desigual nas relações socialmente constituídas no país, ao mesmo tempo que avançava e constituía-se politicamente nos moldes liberais.

Essa corrente liberal que se espalha entre a elite brasileira se solidificando enquanto conjuntura política nacional, culmina na condenação de uma parte desprivilegiada socialmente que acaba suprimida e marginalizada por uma política elitista e conservadora, moldada nos pilares de grandes latifundiários que detinham poder econômico provenientes do trabalho escravo.

FORMAS DO RISO EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS: O RISO QUE SUBVERTE

Em *Memórias póstumas* essas relações ficam ironicamente visíveis, demonstrando o caráter burlesco e trocista que o texto traz, ao mesmo tempo que apresenta um morto que narra



a história de sua própria vida enquanto estava vivo, contextualizada em uma decadente elite burguesa do Rio de Janeiro, ainda fortemente vinculada ao conservadorismo.

Em suas linhas, Machado de Assis denuncia de forma irônica o cotidiano da nata carioca da época, além de fazer uma crítica à hipocrisia e aos costumes fúteis da classe elitista. Isso fica visível na narrativa, dos episódios da vida burguesa de Brás Cubas, que nunca trabalhou e herda de seu pai toda fortuna da família.

O narrador-personagem ao apresentar sua árvore genealógica deixa evidente sua origem social e sua posição de poder econômico, possuidora de grandes lucros e tradição mercantilista, se apresenta como estrutura social de poder. Expondo assim, um marco histórico de um passado não muito distante em que, grupos elitistas detinham o poder político e social, assumindo uma posição de prestígio da época:

O fundador de minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós -- dos avós que a minha família sempre confessou --, porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde da Cunha. (ASSIS, 2017, p. 14).

Assim, sua família gozava de alto prestígio social e conhecida tradição. Machado de Assis expõe, ao apresentar Brás Cubas, uma estrutura vigente, imposta política e economicamente, fundada no atraso colonial e imperialista em que o Brasil passava. Composta por grandes conflitos econômicos e políticos, ligados ainda a uma elite despótica, escravocrata, patriarcal e tradicionalista. Voltada ainda para a manutenção de uma cultura desigual e excludente. Desse modo se constituía a historiografia do Brasil, delineando um quadro marcado por contradições.

O ELEMENTO CÁUSTICO DO RISO COMO FORMA DE DENÚNCIA

O caráter satírico machadiano emerge então como elemento crítico e denunciador de uma ordem instaurada. Algumas tiradas irônicas do narrador, ao expor trechos das lembranças de seu passado, já demonstra um tom de troça que se apresenta quando fala de seu pai:

Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um *calembour*. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-



mor Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas mouriscas. (ASSIS, 2017, p. 15).

Sobre a subversão por meio do riso Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*, apresenta o elemento satírico como uma possibilidade de quebrar hierarquias e vencer o medo por meio do riso, do cômico. Alcançando assim a visão e se tornando consciente:

O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência, a autoridade emprega a linguagem do riso. [...] Ao derrotar esse medo, o riso esclarecia a consciência do homem, revelava-lhe um novo mundo. (BAKHTIN, 2013, p. 78). O elemento satírico machadiano zomba, torna caricato aquilo que fica blindado, protegido por uma ordem social política vigente.

Com essa finalidade, é como se derrubasse as máscaras e lançasse luz sobre as sombras de formas tradicionais e calcificadas de um modelo arcaico e decadente. No capítulo: *Bacharelo-me*, Brás Cubas evidencia o fato de um filho da elite, desfrutando de todo seu privilégio de bem-nascido e herdeiro, decide sair do país para estudar fora. No entanto, revela que o estudo não é seu forte, e atesta sua incapacidade:

Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me ache de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava liberdade, dava-me a responsabilidade. Guarde-o, deixei as margens do Mondego, e vim por ali fora assaz desconsolado, mas já sentindo uns ímpetos, uma curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver de prolongar a universidade pela vida adiante... (ASSIS, 2017, p. 67).

Brás Cubas se vê liberto da universidade no dia em que forma, demonstrando total desprezo pela vida acadêmica e forte inclinação para a vadiagem. Mesmo tendo uma vida abastada demonstra total desinteresse em qualquer ofício. Por intermédio de um narrador intruso, Machado reflete uma crítica à sociedade da época. Apresenta um personagem irônico, debochado e cômico para mostrar o quão caricato é o retrato social da época. A aristocracia torna oficial um mundo excludente, injusto, que joga para fora e marginaliza outros grupos menos favorecidos, criando assim um mundo oficial que perpetua desigualdades.

Automaticamente surge também outro mundo que corresponde aos menos favorecidos e desprivilegiados, constituindo-se assim, um mundo não oficial. A sátira apresenta, por meio do cômico, um jogo que quebra essas dicotomias oficiais, ridicularizando toda uma tradição



imposta pelo sério. Uma tradição de desigualdades e injustiças. George Minois em *História do riso e do escárnio*, traz à reflexão o jogo das sombras que esconde do homem toda verdade sobre as relações desiguais e cruéis. No entanto, ao rir, o homem se torna consciente do mundo e de sua condição ínfima e medíocre:

O riso é a sabedoria, e filosofar é aprender a rir. A aventura humana é ridícula, e só se pode rir dela. Demócrito retoma que o mito da criação por uma gargalhada divina. Suprema derrisão que faz do riso o ápice da espiritualidade e da sabedoria. Demócrito, o homem que ri de tudo, é a encarnação extrema de ceticismo niilista que se encontra, em germe, nos pensadores cétricos, como Timão, que Diógenes Laercio nos apresenta como alguém que ri de tudo e de todos: “Ele tinha a inteligência viva e a zombaria pronta...Ele também tinha o costume da pilhéria... Arcilas perguntou a Timão por que ele deixou Tebas e Timão lhe respondeu: “Para ter ocasião de rir de ti mais de perto. (MINOIS, 2003, p. 62).

Por intermédio da derrisão, Machado de Assis, brinca de mostrar a condição ínfima e medíocre a qual Brás Cubas está inserido, tendo como narrador de sua íntima miséria o próprio Cubas, simbolizando o retrato fiel de uma sociedade decadente, elitista e que anseia o progresso, porém está afundada em suas contradições:

O riso é a sabedoria, e filosofar é aprender a rir. A aventura humana é ridícula, e só se pode rir dela. Demócrito retoma aqui o mito da criação por uma gargalhada divina. Suprema derrisão que faz do riso o ápice da espiritualidade e da sabedoria. [...] A derrisão é aqui a constatação da incapacidade radical do homem de se conhecer e conhecer o mundo. Nada merece ser levado a sério, já que tudo é ilusão, aparência, vaidade - tantos os deuses como os homens. (MINOIS, 2003, p. 62).

Dessa forma, *Memórias póstumas de Brás Cubas* evidencia a contradição entre o progresso esperado pela classe elitista e a situação em que o país se encontrava, totalmente distante desses avanços instaurados por ideias liberais. A organização familiar era estabelecida nos moldes patriarcais e detinha grande poder na formação da sociedade brasileira, ligada fortemente à colonização portuguesa e na condução das atividades escravistas. A esse respeito Schwarz vai dizer:

De um lado, tráfico negreiro, latifúndio, escravidão e mandonismo, um complexo de relações com regra própria, firmado durante a Colônia e a qual o universalismo da civilização burguesa não chegava; de outro, sendo posto em xeque pelo primeiro, mas pondo-o em xeque também, a lei (igual para todos), a separação entre o público e o privado, as liberdades civis, o parlamento, o patriotismo romântico etc. A convivência familiar e estabilizada entre estas concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil oitocentista. A uns a herança colonial parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha do progresso. Outros viam nela o país autêntico, a ser preservado contra imitações absurdas. Outros ainda desejavam harmonizar progresso e trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum



dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante. (SCHWARZ, 2014, p. 96 e 97).

O poder familiar orbitava na figura masculina e apesar da forte presença religiosa e dos preceitos da igreja católica, existiam muitos filhos ilegítimos das relações extraconjugais entre senhores e escravas. Era muito comum o pai exercer seu poder patriarcal e sua violência sob os demais da casa e da família, que apenas aceitavam sem questionar.

O PODER FAMILIAR COMO PERPETUAÇÃO DAS DESIGUALDADES

As famílias tradicionais detinham forte prestígio social e tinham importante papel na formação política histórica da sociedade oitocentista no Brasil. A instrução também era algo que estava diretamente ligada ao poder econômico das classes mais abastadas. Desse modo os estudos e o acesso à educação era algo restrito aos filhos de senhores e grandes latifundiários. Toda essa estrutura elitista existente no Brasil oitocentista contribui para esse domínio de proprietários que arrasam com a existência de homens pobres e menos abastados.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, isso aparece diluído em tons irônicos e satíricos, que mostram o quão cruel essa realidade pode ser. Brás Cubas não é muito diferente de tantos outros que se valem do discurso da meritocracia para estabelecer e comprovar sua superioridade sobre classes menos favorecidas.

A sacada está justamente na ironia, no absurdo que se apresenta como piada de mal gosto. Por isso o tom satírico machadiano emerge como uma espécie de navalha, corte certo que expõe o ridículo da tragédia humana e Machado com liberdade de linguagem traduz bem os discursos que ressoam de forma hierarquizadas, que naturalizam comportamentos opressores das classes dominantes.

No entanto, essa exposição não acontece de forma visível, escancarada para alcance de todos, o elemento satírico machadiano desenrola-se de forma velada, indireta, por isso o tom de sátira. O recurso da ironia se estabelece justamente no jogo de palavras e expressões carregadas de indeterminação, que se articulam de forma planejada, articulada de modo a dificultar ou esconder o real sentido do enunciado.

“A cultura do riso e do cinismo cômico pode, menos que qualquer outra, ser qualificada de cândida e não tem em absoluto necessidade da nossa condescendência. Ela exige de nós, pelo contrário, um estudo e uma compreensão atentos”. (BAKHTIN, 2013, p. 131). O recurso irônico tem papel fundamental na provocação, na subversão de uma ordem imposta e vigente, que oprime e exclui.



Machado então permeia essas camadas como um bufo, expondo os vícios e imperfeições escondidas. Cumprindo seu papel, por meio do riso cáustico, corrói as estruturas de uma sociedade elitizada, decadente e contraditória, ao denunciar e expor aquilo que está escondido. Quebrando a ordem das coisas e a tradição do que está posto e se instituiu como inabalável. Subversão e a denúncia se faz por meio dessa quebra provocada pelo riso. É nesse momento, de humor, que Machado de Assis destrói os traços de sociedade perfeita, que se enxerga moderna, mas os resquícios coloniais ainda estão vivos e impregnados nas personagens, nas histórias e descrição das paisagens e do cotidiano.

Toda caracterização das personagens com a exposição de sua desonestidade, ambições e egoísmo é justamente um recurso do autor para colocar à mostra o que o ser humano tem receio de mostrar. O riso cáustico provocado pelo autor, ao satirizar tal sociedade, é o meio utilizado para que o desconforto não apague os efeitos da estética, mas sim faça parte dela. Pois é desse modo que o humor, a sátira e a troça desconstruem toda uma tradição de falhas. A sátira se infiltra nessas estruturas desconstruindo e tirando a instabilidade, provocando a reflexão.

REFERÊNCIAS

- ALBERTINI, Verena. **O riso e o risível: na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora e Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VIEIRA, Yara Frateschi. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BERGER, Peter L. **O riso redentor: a dimensão cômica da experiência humana**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- DE ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Ateliê Editorial, 1998.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Vega Universidade, 1979.
- MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Unesp, 2003.
- SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar: ensaios selecionados**. Editora Companhia das Letras, 2014.